

***Yacala*: a consciência como fatalidade**

Rafael Tahan⁹⁵

Resumo

Esta comunicação propõe refletir sobre *Yacala* (1999) longo poema narrativo escrito por Alberto da Cunha Melo (PE, 1942-2007), olhando para obra como representação poética e indagação filosófica da condição do homem contemporâneo. Buscaremos, portanto, identificar certa cosmovisão fatalista que perpassa toda sua obra e se encerra em *Yacala*, formando um cuja história parece querer colocar o homem (*Yacala*) no centro da discussão poética e filosófica, revelando a dimensão ética e fatalista do pensamento autor. No longo poema composto por 140 retransas (forma-fixa idealizada pelo autor) essa visão parece emergir sempre como a síntese de opostos, operação que se repete em todas as instâncias da obra, como pretendemos demonstrar.

Palavras-chave

Yacala; poesia contemporânea; cosmovisão

95 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Vagner Camilo. E-mail: rafael.tahan@hotmail.com.

Yacala Cosmo é o protagonista do livro homônimo publicado em 1999 de maneira autônoma pelo poeta, sociólogo e cronista pernambucano Alberto da Cunha Melo (1942 – 2007). O livro teve apenas duas edições, a primeira feita através do selo independente *Edições Olinda* e a segunda, no ano seguinte (2000), desta vez pela Editora Universitária da Faculdade Federal do Rio Grande do Norte, ambas com tiragens de 200 cópias.

Apesar dos poucos exemplares e a dificuldade de circulação nacional devido, principalmente, a pouca atenção do mercado editorial ao eixo nordeste, o autor recebe, para a segunda edição, um prefácio do crítico literário Alfredo Bosi, em ensaio intitulado *Uma estranha beleza*⁹⁶.

Além do importante reconhecimento de Bosi, a segunda edição leva o autor, mesmo pouco conhecido dentro do território nacional, a fazer sua primeira publicação no exterior, ainda em 2000, no III Seminário de Lusografias na cidade de Évora em Portugal.

Em linhas gerais, *Yacala* é um poema narrativo monocórdico, composto de 1600 versos distribuídos por 140 retransas (forma-fixa idealizada pelo poeta). O poema narra a história de vida de um homem negro chamado *Yacala Cosmo* que, abandonado quando criança à porta de um mosteiro é acolhido pelos monges da ordem.

O longo poema estrutura-se pelo modelo épico, assunto longamente discutido pela estudiosa Érica Roberta Dourado, em sua dissertação: *Ressonâncias épicas em Yacala de Alberto da Cunha Melo*⁹⁷, o que se pode observar pelo *Exórdio* (poema de abertura), a recorrência da forma-fixa (a retransa) e a narratividade a partir da qual o poeta pernambucano estrutura os acontecimentos na obra, todos elementos que dialogam diretamente com a épica grega.

Além da ressonância do epos nessa obra, observamos a combinação de personagens e temáticas associadas ao gênero da comédia ao senso trágico de destino que delimita as ações da personagem, além de um lirismo profundo extraído das questões existenciais levantadas pelo poema, fruto da estreita relação que Cunha Melo estabelecia entre poesia e filosofia: o poeta pensou inclusive em dedicar *Yacala*

96 BOSI, Alfredo. “Uma estranha beleza” In: Melo, Alberto da Cunha. Dois caminhos e uma oração, São Paulo: Editora A Giraffa, 2003. p.163.

97 DOURADO, Érica. *Ressonâncias épicas em Yacala de Alberto da Cunha Melo*. Dissertação de mestrado. Três Lagoas, MS: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), 2015.

a: Heráclito, o obscuro – nota encontrada no manuscrito original do livro em recente visita ao acervo do autor em Pernambuco.

Trata-se, esta, de uma importante observação uma vez que, a reposição de um modelo clássico na modernidade e mesmo na contemporaneidade não supõe, evidentemente, nenhuma tentativa reinvenção do gênero puro.

O narrador do poema - onisciente em terceira pessoa - conta que, segundo a crônica, o nome esquisito (Yacala Cosmo) foi dado a ele (por um – abade erudito (retranca 002, v.5) –) no mesmo dia em que foi encontrado. Este é, portanto, o primeiro contato que temos com a fisionomia da personagem.

Em nota dedicada ao livro o poeta explica a etimologia de *Yacala*. A palavra que representa a ideia aproximada de homem, marido, namorado é, segundo o autor, um vocábulo oriundo de uma variante dialetal da língua falada pelos cabindas, quicongo – língua mãe do grupo – chamada vili, pelo qual se apaixonou devido a sua beleza “eufônica” e luminosidade.

Informação tirada, ainda segundo o poeta, de um estudo sobre poesia popular do Brasil de Sílvio Romero (2003, p.166.). A isso o autor acrescenta que: para Raimundo Nina Rodrigues⁹⁸, “cabinda” era apenas “uma denominação regional, antes aduaneira, dada aos escravos embarcados em Cabinda” (território de Angola, atualmente)⁹⁹.

Essa é, apesar de parecer prematura, a primeira pista em direção à análise formal da obra. Eufonia é o mesmo que “harmonia”, ou a disposição bem ordenada entre as partes de um todo segundo o dicionário Aurélio ou ainda segundo o dicionário da língua portuguesa Priberam¹⁰⁰: as qualidades que tornam a frase ou o discurso agradável ao ouvido.

A palavra *Yacala* é composta por três unidades mínimas: as sílabas *ya – ca – la*. Do ponto de vista sonoro (rítmico), considerando a segunda sílaba como tônica (conforme pronuncia do próprio autor em discurso dedicado ao lançamento do livro), temos um movimento primeiro ascensional da semivogal *j* diante da aberta *A* e depois linear, que vai 1. da plosiva *C* até o segundo *A* e 2. da lateral *L* até a terceira vogal aberta *A*.

98 (1862 – 1906) Um dos pioneiros sobre estudos de antropologia criminal no Brasil conhecido pela obra *Os africanos no Brasil de 1932*

99 CUNHA MELO, Alberto, *Nota do autor* in: *Dois caminhos e uma oração*. São Paulo: A Girafa, 2003. p, 165

100 **harmonia**", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013. <https://dicionario.priberam.org/harmonia> [consultado em 08-03-2019].

A eufonia está em Yacala, portanto, no equilíbrio entre vogais: na altura cômoda da articulação vocálica (é possível, por exemplo, articular Yacala movendo apenas a ponta da língua em direção ao palato) e na constância do som produzido pela repetição da vogal sonora aberta do (A) som que atravessa a palavra do começo ao fim.

A essa constância o autor atribui, como vimos, primeiro a característica de harmonia (o eufônico) depois a de luminosidade, à regularidade esperada de um objeto harmônico em que o signo sonoro e signo material caminham lado a lado em perfeita consonância, na repetição e na diferença, dá-se o nome de belo.

O conceito estético de belo, como se sabe, é frequentemente associado à harmonia ideia cuja origem remonta o pensamento antigo. Para Aristóteles, por exemplo, beleza é uma qualidade que pressupõe simetria. Justa medida. Equilíbrio entre as partes; antes dele, Heráclito, pensava em harmonia não só como expressão de ideal estético, mas principalmente como *lógos*: princípio ordenador de todas as coisas: *ouvindo não a mim, mas ao logos, é sábio concordar ser tudo-um* diz Heráclito¹⁰¹.

Segundo Alexandre Costa, organizador, tradutor e comentador dos fragmentos de Heráclito, essa máxima expressa a ideia de um sistema holístico cuja ordem é estabelecida pelo *logos*, o que, segundo o autor, interpreta-se pelo uso do termo (*homologeîn*) homologar: aceitar, concordar. Portanto, ouvir o logos é concordar estar em sintonia, para que se possa adquirir a sabedoria, ou melhor dizendo, a consciência do estado natural das coisas: o tudo-um.

Além disso, ainda segundo Costa, o fragmento revela a dimensão ética do pensamento de Heráclito. O estar em consonância com esse estado natural tem a ver, sobretudo, com ouvir ao logos e não a “mim”. Em outras palavras: a sabedoria, no sentido de adquirir essa consciência, está em suprimir a individualidade (apenas ruído do todo) para alinhar-se efetivamente ao todo harmônico: eu e cosmos são, portanto e respectivamente: a parte e o todo.

O preâmbulo filosófico serve para entendermos duas coisas centrais da obra de Cunha Melo: a noção de harmonia como expressão de beleza estética e ordem, força através da qual se representa essa estética – a relação indissociável entre o particular e o geral.

101 Costa, Alexandre, *Heráclito de Éfeso, fragmentos contextualizados*. São Paulo: Odysseus, 2012. p. 127.

Somando a isso dois outros fatos: o nome do seu primeiro livro, *Círculo Cósmico* (1966) termo que pode ser entendido como sinônimo a um sistema holístico e os três versos que encerram pela segunda vez *Yacala* (1999) postos depois do seu trágico desfecho: este livro inóspito / fecha, com o primeiro, / meu círculo cósmico. (p. 307), observamos, na prática como a própria obra do autor foi estruturada dentro dessa premissa de ordem e beleza, em que parte e todo são indissociáveis.

Referências bibliográficas

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Prefácio da edição do livro Yacala* in: Dois caminhos e uma oração. São Paulo: A Girafa, 2003.

CAMILO, Vagner. *A Modernidade entre tapumes - da lírica social à conversão neoclássica na poesia brasileira moderna*. Tese de livre docência. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2016.

CORDEIRO, Cláudia. *Faces da Resistência na poesia de Alberto da Cunha Melo*. Recife: Bagaço, 2003.

COSTA, Alexandre, Heráclito de Éfeso, fragmentos contextualizados. São Paulo: Oddyseus, 2012.

DOURADO, Erica Roberto. *Ressonâncias épicas em Yacala de Alberto da Cunha Melo*. Dissertação de mestrado. Três Lagoas, MS: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), 2015.

HÉLIO, Mário. *Prefácio da edição do livro meditação sob os lajedos* in: Dois caminhos e uma oração. São Paulo: A Girafa, 2003.

MELO, Alberto da Cunha. *Dois caminhos e uma oração*. São Paulo: A Girafa, 2003.